

SANCHES

Carlos Alberto dos Santos Abel

Sentado no meio da multidão. Só. Ninguém sabendo quem é você. Ninguém te olha, ninguém te vê. Você é um homem de meia-idade. Um velho é tão visível quanto o ar que se respira. Mas eu gosto... Isso é o que sempre almejava desde aquela fatídica tarde de 1973.

Ser desconhecido. Sempre me fora extremamente difícil ser desconhecido. Contudo, finalmente, o conseguira. Tive de viajar. Abandonar o meu pequeno país. Exagero... pequeno? Não, médio. Pequeno ao lado do Brasil... grande, comparado aos da América Central. Partira, lá era conhecido demais. E o que fizera para ser tão conhecido? Cumprira ordens superiores...!

Naquela tarde, o Estádio Nacional estava repleto. Arquibancadas lotadas. As cadeiras vazias. Não bem vazias. Havia autoridades. Todas a serviço.

No meio do campo de futebol, uma estaca. Vários prisioneiros atados. Estavam sendo usados, para transmitirem medo ao povão de menor envergadura política. O que você pensaria? Lá no meio do campo, atados a uma estaca como animais, artistas, políticos, profissionais liberais, quase todos, conhecidos, populares. Se faziam isso com eles o que não faziam com os outros? Boa pergunta, resposta óbvia.

O comandante mandou tocar o Hino Nacional. Os militares e os policiais tomaram logo a posição de sentido, mão direita sobre o peito esquerdo. A multidão, amedrontada, foi-se pondo de pé, aos poucos. Todos contritos. Todos pareciam "patriotas", mão direita, peito esquerdo.

Na estaca, todos também se puseram de pé. Minto: um não se levantou. Permaneceu deitado. Já tinha levado muita porrada. Entretanto,

outros vinham apanhando mais do que ele e estavam firmes, gemendo, tremendo, arrebatados, honrando o nosso Hino Nacional!

Ouvidos os últimos acordes, um silêncio mortal, pesado. Até hoje, sinto aquele vazio. Uma cortina, um manto. Os militares e os policiais sentaram-se. Os subversivos imitaram-nos. De súbito, como um raio, ouviu-se a voz do comandante. Uma voz multiplicada mil vezes pelos altofalantes do estádio.

— Sanches!

— O que o senhor manda, senhor comandante? — enquadrei-me solícito.

— Vá lá ao centro do campo e providencie, para que aquele safado, que não se levantou ao som do Hino Nacional, pague por isso. Obrigue-o a cantar com respeito!

Fui atravessando, lentamente, aquele campo que tanto amava. Um campo de grandes peijas de futebol. O estádio estava de olho em mim: Sanches. O prisioneiro acompanhava-me com os sentidos... SANCHES.

Cada passo ressoa no meu cérebro. Nunca mais vou esquecê-los. Acompanhava-me o ódio de trinta mil prisioneiros. Mas eu era um militar. Eu cumpria ordens!

Depois de séculos, cheguei à estaca. Encontrei-me diante do homem que desrespeitara um dos mais sagrados símbolos da Pátria. Queria odiá-lo. Olhando aquela massa informe, aquela massa de carne fragilizada, torturada, minha raiva esvaiu-se. Aquilo já não era mais um ser humano. Só uma chaga.

— Sanches, — rugiu o comandante — estou esperando.

Bom, era ele ou eu. Abaixei-me, peguei-o pelas axilas e encostei-o na estaca. Ele gemia. Olhou-me firme. Tive vergonha.

— Sanches, estou esperando...

Falei-lhe baixinho:

— Companheiro, ajude-me a ajudá-lo. Canta o Hino Nacional. Pelo amor de Deus...

— Não!

— Você é um artista: violonista, poeta...

Ele interrompeu-me com um grito de dor e de ódio:

— Não canto porra nenhuma... fascista... miserável...

O comandante descontrolou-se:

— Sanches, o que está esperando? Estou te desconhecendo. Dê-lhe uma lição.

Larguei-o no chão. Coloquei-me na mira do comandante. Aos berros, ouvido por todo no estádio.

— O que faço, meu comandante?

— Ele é o tocador de violão?

— É, senhor comandante.

— Ele é o violeiro comunista?

— É, senhor comandante.

— Corte-lhe os dedos. Já.

Podia-se ouvir o vôo das moscas. Os prisioneiros mal respiravam.

— Sanches...!

Peguei o sabre, encostei a mão direita do prisioneiro na estaca. O coitado não resistiu. De um golpe, cortei-lhe quatro dedos da mão direita. Escapou o polegar. O miserável berrou raivoso. Um urro lamentoso e insultuoso. Desmaiou.

— Sanches, mandei cortar os dedos das duas mãos.

Peguei a esquerda e lá se foram mais quatro. Ele só se remexeu um pouco. O sangue brotava aos borbulhões. Dois companheiros de estaca, médicos, aproximaram-se e, com cintos, colocaram torniquetes nos seus braços. O sangue parou de jorrar.

Apareceu um soldado correndo. Despejou-lhe um balde d'água na cabeça. O aleijado acordou. Gemendo.

— Sanches, ele está devendo o Hino Nacional.

Cheguei-me ao violonista. Abaixei-me ao seu lado. Implorei-lhe:

— Pelo amor de Deus, cante essa porra desse hino nacional.

— Não... não... não...

— Sanches, o que foi que ele disse?

À distância, fiz-lhe sinal de negativa

— Bom, se ele se recusa a cantar o hino de nossa pátria, é porque é um traidor da pátria. Mate-o!

De longe, vendo-me titubeante, berrou irônico:

— Dê-lhe um tiro nos cornos.

O prisioneiro olhava-me com ódio.

— Faça o seu trabalho sujo, safado.

Encostei a pistola na sua testa e disparei.

— Sanches, meus parabéns. Tu és um macho!

No estádio, o silêncio era mortal. E Sanches, a estrela do espetáculo. O foco para onde todos atentavam: prisioneiros e guardas, torturados e torturadores. Um só foco: Sanches.

Na grama empapada de sangue, aquele que fora o maior violonista, o maior poeta popular da minha terra. Ao seu lado, o matador, Sanches.

Passaram-se os anos. Voltou a democracia. Porém veio acompanhada de uma lei de anistia. Escapei de todos os meus crimes. E não foram poucos.

Terminei meu tempo de carabineiro. Aposentei-me. Não tenho família. Não tenho ninguém. Nenhum lugar para ir. Nem para ficar. E os olhares me seguindo. E a música dele me seguindo. Onde eu ia, acompanhava-me um sussurro... Estádio Nacional... Sanches...

Remorsos? Acho que não. Cumpri o meu dever. Se tivesse de matá-lo? Matava de novo. Nós estávamos numa guerra contra o comunismo. Tivemos de matar um presidente socialista. Por que não um violonista?

Dizem que houve muita injustiça. Se houve, foi necessária. E melhor errar para mais, do que para menos.

Eu tornara-me um estorvo para os dirigentes. Era uma memória viva dos massacres.

As autoridades resolveram que eu mudasse de nome, de aparência, de país.

Adiantou? Adiantou em parte. Passo os dias em paz, no meio da multidão. Agora, quando escurece e fico sozinho comigo mesmo... ele volta. Tenho-o dentro de mim, em cada polegada do meu ser.

Eu o matei de estalo. Ele me mata aos poucos.